**PEDAGOGIA PARA A AUTONOMIA: NARRATIVAS TECENDO SABERES EM ESPAÇOS SOCIO EDUCACIONAIS**

Eliana da Silva Neiva Brito[[1]](#footnote-1)

neivabrito@yahoo.com

Valnice Sousa Paiva[[2]](#footnote-2)

[valnicesp@yahoo.com.br](mailto:valnicesp@yahoo.com.br)

Caique de Jesus Brandão Silva [[3]](#footnote-3)

[caiquebrando@yahoo.com](mailto:caiquebrando@yahoo.com)

Thiago Sousa Paiva 5[[4]](#footnote-4)

[thispaiva@yahoo.com.br](mailto:thispaiva@yahoo.com.br)

Ducimar Alves dos Santos[[5]](#footnote-5)

[ducimar785063@gmail.com](mailto:ducimar785063@gmail.com)

Letícia Araújo Lima6

leticia071@gmail.com

Maria José Pitanga [Suzart](file:///C:\suzart) da Silva7

mjpitangasuzart@gmail.com

Patrícia Matos de Carvalho8

[patriciamc\_ba@terra.com.br](mailto:patriciamc_ba@terra.com.br)

**RESUMO**

O tema do XI ETBCES “Inovação e Solidariedade em Territórios de Resistência: iniciativas em tempos adversos”, nos convida a refletir de forma colaborativa sobre os desafios relacionados à educação enquanto sociedade diversa e plural. Articulações que exigem uma longa caminhada para agenciar uma educação na adversidade. Por isso, antes de iniciar qualquer tipo de reflexão a respeito da práxis do pedagogo e a postura do aluno contemporâneo, é necessário identificarmos as transformações educacionais e sócio culturais, ante o advento da globalização. Nesse contexto atual de educação estão contidas as teorias pedagógicas modernas que passam pelo crivo crítico da construção de uma sociedade democrática, comprometida com a transformação social e a superação das desigualdades, a bem do protagonismo e autonomia do alunado; uma escola multicêntrica e inclusiva. É necessário discutir a adaptação curricular, pedagógica e tecnológica para educar na diversidade nos espaços sócio educacionais e implementar novas estratégias para inclusão social nos âmbitos de convivência. Estes pressupostos foram aguçados em minha vida incentivados pela vivência em todo processo educacional de minha filha, que nasceu surda. O valor agregado no compartilhamento com minha filha e com outros surdos foi perceber que cada surdo tem suas especificidades. Mas, em todas as singularidades encontradas de surdos ou deficientes auditivos, o divisor de águas para mim e para minha filha foi, nessa convivência, começar a aprender a Língua Brasileira de Sinais - Libras. A convivência com os surdos me fez maturar alguns ideais e ir ganhando experiência para chegar a esse momento atual de poder contar minhas vivências na educação, neste resumo. De fato, o processo contínuo de aprendizagem sobre a cultura e a língua de sinais, tem facilitado a minha comunicação com minha filha e com outros surdos. O incentivo para o aprendizado era pensar que a exclusão não podia começar na própria casa do surdo, mas, também que outros membros da sociedade deveriam ser sensibilizados a aprenderem pelo menos o básico da Libras. Para esse fim, desenvolvemos um trabalho conjunto a partir da universidade, com escolas, associações, comunidades, famílias, empresas, para melhoria da educação onde os participantes e seus responsáveis foram envolvidos em um processo de formação sobre a problemática da necessária participação coletiva, tendo em vista a melhoria da interatividade surda/ouvinte. Com isso, a oficina denominada “Mãos que falam Libras”, teve a demonstração dos potencializadores lúdicos iniciada em 2015 e socializada em várias localidades da cidade de Salvador-BA e região metropolitana, em várias oportunidades. No entanto, para este momento, nos deteremos nas memórias e narrativas de como a partir do momento que me propus a aprender Libras para me comunicar com minha filha, pude socializar esses aprendizados Mas, são os relatos de como esse aprendizado foi se desdobrando em mediação de oficinas que intentam a sensibilização de ouvintes e surdos, que merecem uma atenção especial nesse resumo. Também a necessidade de olhar com atenção o isolamento linguístico que os surdos experimentam e como a Libras ameniza esse isolamento, que queremos tratar. Caminhando nesse sentido, a nossa questão norteadora de: Como desenvolver brincadeiras numa perspectiva de sensibilização para o uso da Libras? implicou aos poucos os membros do grupo de pesquisa TIPEMSE – Tecnologias, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação, durante as ações do Projeto UNEB Parque, que resultou numa pesquisa colaborativa. Assim, traremos relatos de como as oficinas e a execução dessa proposta, mobilizou princípios inerentes às metodologias de pesquisa-ação participativa, se aproximando naturalmente dessa área, quando imergirmos na comunidade acadêmica, nos oportunizando a observar e dialogar com o público que frequentava a oficina. Conversas individuais ou em rodas de conversas, que acabaram acontecendo para além dos dias das oficinas, em outros encontros; experiências essas bem próximas das desenvolvidas na coleta de dados das pesquisas. Perceber que agentes multiplicadores através de nossas oficinas foram incentivados a pensarem a inclusão do surdo e que muitos foram implicados a aprenderem a Libras; nos motiva. Da mesma forma que trazer vivências de pelo menos duas pessoas, frequentadores de nossas oficinas, que foram implicados, inspirados e hoje, replicam esse aprendizado, é o máximo. Em meio a diversas atividades lúdicas pensadas para as oficinas, os participantes e seus responsáveis são envolvidos em um processo de formação sobre a problemática da necessária participação coletiva. Estas pessoas, para além das leis e decretos instituídos, que precisam da ação da sociedade para serem efetivadas, tem tentado no seu pequeno espaço social, com sua própria atitude, diminuindo a limitação implementada pela diferença linguística entre os surdos e ouvintes. Foram contaminados pelo modelo social de convivência com o surdo, modelo que não visa olhar o nível da perda auditiva, e sim, evidencia como o surdo experiencia a surdez, ressaltando a experiência de ser e estar no mundo, acessando por outro canal, no caso pela visão. Ao nos depararmos com estes exemplos de interação social, transformação e autonomia, convidamos os escritos de Paulo Freire (2011) para serem elo das inferências deste trabalho por causa do caráter agregador, interacional, incentivador e propositor de estratégias educacionais, que há nos seus escritos. As elucidações de Freire (2011) permeia nosso atelier de narrativas com relatos recheados de memórias afetivas, porque Freire nos lembra o tempo todo que precisamos ter em mente que educação é: instrução, conhecimento focado nas relações sociais, objetivando mudanças na sociedade como um todo e que cada um de nós somos protagonistas no palco da vida para agir com autonomia na conquista do próprio amadurecimento. Por entendermos a necessidade de implicação dos participantes no processo de pesquisa realizado com vistas à promoção de mudanças quanto à situação problema apresentada (THIOLLENT *apud* Silva 1991) seguimos com o Objetivo Geral de: Desenvolver brincadeiras perspectivando a sensibilização para o uso da Libras, só que agora, contando de forma efetiva com as contribuições teóricas de todo grupo de pesquisa e com a multiplicação da oficina de Libras demandada por dois adolescentes que frequentaram nossas oficinas, e que agora de forma remota, prosseguem com a atuação. Como relatado acima, fomos convidados para mediar a oficina Mãos que falam Libras em diversos eventos. Numa das ações feitas na UNEB, em 2015, contamos com a presença dos dois adolescentes alvo do nosso relato, que à época tinha nove e dez anos respectivamente. Os dois participaram de tudo que foi proposto na oficina. Mediamos a oficina em outras ocasiões e um deles sempre que podia estava presente. O adolescente que tinha dez anos participava um pouco mais. O interessante é que sempre que nos encontrávamos, ele tinha uma novidade para contar: como estava usando o que aprendeu ensinando para irmã de cinco anos; falava que treinava a Libras através dos sites; dizia que divulgava entre os colegas; até hoje pede para fazermos um curso básico; etc. Dessas novidades, escolhemos duas para falar com mais detalhes. São relatos que enchem nosso coração de satisfação por ver que a ação feita através da oficina de Libras, alcançou incontestável resultado de conscientização e mobilização pela educação. Resultado alcançado! A primeira vivência a ser contada, foi a que, o adolescente começou em 2019, disseminando o pouco que tinha assimilado da Libras nas nossas oficinas e por conta própria, na sua vizinhança, o que acabou contaminando novamente o outro adolescente que na época tinha nove anos. Ele começou com dois vizinhos e hoje em dia tem mais de 10 jovens que se reúnem para aprender Libras todas as segunda-feira, através da plataforma Google Meeet. Sempre falamos na oficina mediada da intenção de que as pessoas sejam sensibilizadas a olhar a situação de exclusão linguística que os surdos ainda vivem e que procurem fazer cursos, busquem sites e aplicativos onde possam aprender pelo menos o básico da Libras; falamos ainda aos presentes nas oficinas que façam uma imersão simples na cultura e língua dos surdos, buscando nos vários espaços a convivência bilíngue do Português e da Libras, para uma maioria surda que escolhem a língua de sinais como forma comunicacional; e nesse sentido, o jovem, hoje com dezessete anos, fez maravilhosamente o dever de casa. Estes adolescentes não desejam ser intérpretes, apenas conseguir manter contato com surdos, na oportunidade que encontrá-los. E, quando em suas profissões poder interagir com esse público, atendendo à proposta de fazer jus às leis que promulgaram a Libras como a segunda língua do Brasil, que preconizam que pais, professores, alunos, médicos e funcionários públicos sejam bilíngues (Decreto n. 5.626/05). Com essa atitude eles cumprem o que Freire (2011, p.42) diz: “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar”. Eles mesmos foram criando suas alternativas, se corrigindo e desenvolvendo de uma forma natural o entrosamento entre eles. Freire (2011, p. 32) infere sobre esse condicionamento dizendo: “A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos estes operam por si mesmos”. Por isso, que esta é uma narrativa muito interessante e uma bela experiência a ser contada. Como mãe, e certamente esses dois jovens, que continuam como nós divulgando a Libras, queremos algo que seja eficaz para a redução da solidão dos cidadãos surdos que ainda se acham estrangeiros em seu próprio país. Esta iniciativa revolucionária de nossos jovens, certamente podem ser implementadas em em outros microespaços bilíngues, sendo reproduzidos em outras localidades e multiplicados em várias comunidades do nosso país. A vida do estudante, primeiramente é em sua turma, é em sua sala de aula. Esse espaço não pode ignorá-los.

**Palavras-chave:** Sujeito Surdo. Libras. Espaço Bilíngue. Brincadeiras. Autonomia

**REFERÊNCIAS**

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras

providências.

\_\_\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

SILVA, M. O. S. Refletindo a pesquisa participante. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 1991.

1. Pedagoga pela UNEB, Especialista em Libras e Educação Especial Inclusiva pela UNIASSELVI. Mestranda pelo GESTEC/UNEB. Integrante do grupo de pesquisa TIPEMSE/GP-AMEI. [↑](#footnote-ref-1)
2. Pedagoga, mestre e doutora em Educação e Contemporaneidade pela UNEB, Profa Assistente na UNEB/DCHTXVI, Líder dos Grupos de Pesquisa TIPEMSE e GP-AMEI. Membro das Redes de Pesquisa- Ação (REPAP-BR) e Múltiplas Sementes. [↑](#footnote-ref-2)
3. Estudante do Ensino médio do SESI, membro do Grupo de Pesquisa GP-AMEI [↑](#footnote-ref-3)
4. Estudante do Ensino médio do SESI, membro do Grupo de Pesquisa GP-AMEI [↑](#footnote-ref-4)
5. Estudante de Pedagogia da FBB, membro do GP-AMEI/UNEB

   6  Pedagoga pela UNEB, Psicopedagoga e estudante da Pós-Graduação em Educação Digital UNEB e membro do grupo de pesquisa TIPEMSE/GP-AMEI

   7  Pedagoga pela UNEB, Psicopedagoga e estudante da Pós-Graduação em Educação Digital UNEB e membro do grupo de pesquisa TIPEMSE/GP-AMEI

   8 Engenheira, integrante dos grupos de pesquisa TIPEMSE/GP-AMEI. [↑](#footnote-ref-5)